



## **Atuações profissionais de egressxs do PPGMUS da UFBA**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

*Angela Luhning*

UFBA - angelaluhning@gmail.com

*Carlos Renato de Lima Brito*

UFBA e UFCA - violabrito@gmail.com

*Laurisabel de Ana da Silva*

UFBA - silvalaurisabel@gmail.com

*Márcio Pereira*

UFBA - marciopereira304@gmail.com

*Moacir Cortes Junior*

UFBA e UNEB - m.cortes.jr@bol.com.br

**Resumo:** Esta é uma pesquisa em andamento cujos resultados iniciais problematizam as relações entre a formação no Programa de Pós-Graduação em Música (PPGMUS) da UFBA e a atuação profissional de egressxs, com ênfase nas pessoas que não lecionam no ensino superior. Foi disponibilizado um formulário eletrônico com questões fechadas e abertas e enviadas por e-mail. Os dados coletados abordam questões relacionadas ao ingresso desses sujeitos no mercado de trabalho e como a formação da PPGMUS afeta esse ingresso, dialogando com a literatura relacionada ao tema.

**Palavras-chave:** Formação. Pós-graduação. Egressos.

### **Professional performances of graduates of the PPGMUS/ UFBA**

**Abstract:** This paper presents the initial results of an ongoing study that addresses the relations between the educational experience in the Graduate Program in Music of UFBA and the careers of its graduates, with emphasis on the graduates that do not work as professors in higher education. To accomplish this study, an electronic form was made available via e-mail. The data collected deals with questions related to the entry of these subjects into the labor market and how the training proposed and carried out by the graduate program affects this entry, in dialogue with the bibliography.

**Keywords:** Educational experiences. Graduate studies. Careers of graduates.

### **1. Contextualização e objetivos**

Para apresentar os caminhos de construção coletiva do presente artigo, fruto de uma pesquisa em andamento, trazendo primeiras análises e resultados, é importante apresentar o caminho da elaboração, desde primeiras inquietações até a criação de um grupo de discussão e pesquisa, formado por vários doutorandxs<sup>1</sup> e uma professora do PPGMUS-UFBA.

A partir de várias reflexões desencadeadas por apresentações e discussões subsequentes nos últimos encontros da ANPPOM, em especial em Vitória, 2016, e em Campinas, 2017, e da inquietação quanto aos destinos profissionais tomados por egressxs do dito programa, surgiram novos questionamentos sobre o perfil e os rumos da pós-graduação em música no Brasil. Estes questionamentos devem ser abordados à luz de pesquisas em outras áreas de conhecimento, perfis institucionais de cada Programa de Pós-Graduação (PPG), além de incluir questões da formação pós-graduada em geral e uma reflexão sobre possíveis e efetivos campos de atuação profissional de egressxs. É importante ressaltar como premissa a afirmação da relação intrínseca e indissolúvel entre as duas partes, muitas vezes vistas como partes desconexas: de um lado, o PPG com seu desenho institucional e, do outro, as pessoas formadas por ele. É comum perceber-se o grupo de discentes apenas enquanto pessoas matriculadas, inseridas em uma grade de obrigações, comprometidas com suas dissertações ou teses, dissociando esta sua condição de pessoas em formação de sua atuação profissional anterior, posterior ou até concomitante. Ao mesmo tempo, supõe-se tacitamente, mas não se problematiza, que a atuação no mercado de trabalho de uma pessoa com mestrado e/ou doutorado tem uma relação direta ou indireta, com sua formação em um PPG. Esta formação, por sua vez, depende do conjunto de um corpo docente atuante, cujas próprias formações anteriores, compromissos pessoais, percepções em relação ao perfil institucional e à realidade prática do curso vão preparar o corpo discente para uma atuação profissional.

Uma segunda premissa decorrente da primeira, que se encontra implicitamente presente nos discursos e documentos em relação à formação pós-graduada, é que esta teria como foco principal a formação de novos docentes para a carreira de magistério superior, sugerida pelos documentos da própria CAPES, responsável desde 1951 pelo acompanhamento e cumprimento da legislação que, desde 1961, regula este setor da educação (MOROSINI, 2009). Além disso, a agência ganha responsabilidade na avaliação da pós-graduação enquanto nível instrutivo, a cargo dos PPGs como instâncias de operacionalização do ensino e pesquisa.

A partir destas premissas iniciais uma pergunta central guiou nossas discussões e reflexões: para além da pretensa formação estabelecida nos PPGs que se direciona para a docência do magistério superior, a formação proposta pelos PPGs é compatível com a efetiva atuação profissional das pessoas egressas? Quantas destas pessoas de fato atuam em IES e quantas fora delas? A partir desta pergunta levantamos a hipótese de que o número de pessoas que após sua formação não atua em IES talvez seja maior do que o imaginado, sugerindo uma abordagem deste público. Questionamo-nos para que tipo de atuação profissional um

mestrado ou doutorado acadêmico em música forma para além do trabalho em uma IES. E sob o ponto de vista das próprias pessoas formadas, pode-se perguntar quantas e quais formas de atuação são almejadas, construídas ou encontradas durante seus caminhos pós-formativos.

Foi este conjunto de questionamentos que norteou o levantamento, incluindo pesquisas já realizadas no sentido de retratar as condições de atuação profissional de egressos de alguns cursos de música e PPGMUS no Brasil (TRAVASSOS, 2005; SANTIAGO, 2016; LEON, 2017; TOURINHO, 2018), tema relativamente recente na literatura. Todos estes questionamentos englobam, no fundo, as relações institucionais, profissionais e humanas entre o corpo docente, enquanto formador, e o corpo discente, enquanto grupo de indivíduos em formação. Apesar do interesse recente na temática, esses assuntos ainda têm sido pouco abordados e problematizados, evidenciando densas e tensas relações entre os agentes da pós-graduação, constituindo pontos nevrálgicos, que se tornaram elementos importantes da nossa discussão.

Assim, o objetivo geral deste artigo é contribuir para a discussão de caminhos formativos do corpo discente da pós-graduação em música, em face a preparação formadora do corpo docente e, igualmente, a reflexão sobre as efetivas possibilidades de atuação profissional, tendo como foco principal aquelas atuações que se dão fora da docência em IES.

## **2. Metodologia**

Contávamos com poucos materiais existentes em relação ao universo da nossa amostragem, a exemplo de um levantamento exaustivo de todos os trabalhos defendidos durante os 25 anos de existência do nosso programa (SANTIAGO, 2016), dando um primeiro e valioso quantitativo com o número total de 377 defesas nas suas respectivas subáreas: Composição, Educação Musical, Execução Musical, Etnomusicologia e Musicologia. Mas ele não nos dava informações sobre o total de sujeitos que se “escondiam” atrás dos títulos dos trabalhos finais, já que várias pessoas fizeram mestrado e doutorado no PPGMUS, muitas vezes com mudanças entre as subáreas, sem oferecer tampouco pistas sobre os motivos para estes trânsitos. Além disso, queríamos ir além de números quantitativos e conseguir levantar respostas mais pessoais às perguntas sobre as escolhas de atuações profissionais pós-formação ou mesmo de atuações concomitantes durante a formação.

Para conseguir alcançar as pessoas já formadas pelo nosso PPG e saber das trajetórias após a conclusão do mestrado e/ou doutorado, tivemos de estruturar um complexo levantamento, durante o qual descobrimos que estes dados inexistiam no PPGMUS. Assim, partimos para um contato com orientadores/as para obter os contatos dos egressos. Mesmo

assim, muitos nomes ficaram sem contato, sendo completados, dentro do possível através de caminhos indiretos (colegas de turma, redes sociais, etc.). Confirmamos o óbvio, que era mais fácil conseguir os contatos das pessoas atuantes em IES, pela obrigatoriedade de manterem os currículos lattes atualizados do que alcançar as pessoas atuando fora de IES, muitas delas formadas nos anos 90, antes de existir o contato por e-mail. Chegamos, finalmente, a 140 endereços de pessoas, que, pelas informações disponíveis, poderiam enquadrar-se no perfil procurado, pessoas com mestrado e/ou doutorado, atuando profissionalmente fora de IES.

Para dialogar diretamente com estas pessoas, elaboramos um questionário composto por dez seções com número variado de questões abertas e fechadas, disponibilizado eletronicamente na plataforma *Google Forms*, a fim de entender os perfis pessoais e os caminhos profissionais pós-formativos destas pessoas. As seções abordaram temas como identificação pessoal, expectativas em relação ao mestrado/doutorado, atuações profissionais, satisfação pessoal e sugestões, dentre outros. Chegamos, afinal, ao número de 97 pessoas participantes. As reflexões que se seguem referem-se a este grupo de pessoas que representa cerca de 60% daquelas que se encaixam no perfil procurado. As pessoas deste perfil, egressas que não atuem em IES (com exceção de 5 pessoas que tinham acabado de passar em um concurso), representam um número considerável de formados pelo PPG, o que aponta para a importância desse público ser ouvido na reflexão sobre a formação pós-graduada em música no Brasil.

### **3. Fundamentação conceitual da pós-graduação e formação proposta por ela**

Os PPGs foram desenvolvidos na década de 1970 com inspiração no sistema de pós-graduação estadunidense e, segundo Morosini (2009, p. 125), estão inseridos em um contexto de construção de um sistema de ciência e tecnologia e uma forte influência do Estado nas políticas públicas para educação. Segundo a pesquisadora, os PPGs têm estreita ligação com universidades públicas, embora as diversas legislações e reestruturações produzidas ao longo do tempo - LDB n° 4.024/1961, Lei n° 5.540/1968 e Lei 9.394/1996, entre outras - não estabeleçam isso como norma (p. 128). A autora destaca ainda que a pós-graduação no Brasil foi gerada em um cenário de crescimento do sistema capitalista e conseqüentemente a necessidade de expansão de sua base material condicionou que as pesquisas desenvolvidas na universidade deixassem de ser sua função básica e passassem a exclusividade da pós-graduação, detentora da produção do conhecimento (MOROSINI, 2009, p. 128/129). Segundo Chauí (2003, p. 8), a ciência foi duplamente transformada com as mudanças no modo de produção capitalista e os avanços tecnológicos. Com isso ela trocou o

fazer investigativo de uma realidade externa ao investigador para a produção da própria realidade do objeto científico.

Entendemos que discutir Universidade e pós-graduação, inevitavelmente, envolve discutirmos a sociedade e as questões em seu entorno, mas isso escapa ao foco deste artigo: a formação na pós-graduação visando uma atuação profissional. Consideramos necessário, porém, trazer algumas reflexões conceituais sobre formação. Segundo Gadamer (1999), a origem da palavra ‘formação’ vem da mística da Idade Média, até que no final do século XVIII, Herder a define como “formação que eleva rumo à humanidade”. Gadamer destaca que, atualmente, formação reúne o conceito de cultura e a forma como o ser humano aperfeiçoa suas aptidões e faculdades. Já para von Humboldt, formação estava ligada a algo mais íntimo, vindo do conhecimento e do sentimento que abarca o empenho espiritual e moral, desvinculada da cultura, remetendo à tradição mística da antiguidade (GADAMER, 1999, p. 49).

Há quase três décadas, Honoré (1980, p. 6) já anunciava o crescimento de “iniciativas e experiências” de formação e apontava para a necessidade de estudos mais profundos, bem como reflexões sobre o que ele denominava de “uma invasão” de práticas destinadas ao consumo de um “mercado” de formação. Já Ramos (2010, p.85-87) discute questões que historicamente envolvem os processo de formação: de um lado a formação crítica para o exercício da cidadania, que busca refletir acerca da ideologia dos processos concretos de produção e os limites ético-políticos de suma relevância para direcionar uma transformação social; e, de outro, a formação para a prática profissional, que objetiva instrumentalizar estudantes, guiada por conteúdos de ensino, cujas finalidades são determinadas pela ideologia do mercado.

Diante destas definições vemos a formação na Pós-graduação, em especial aquela em música, como preparação para o exercício de uma atuação profissional pautada na capacidade de reflexão crítica, diálogo com áreas afins e compromisso social. Sabemos, entretanto, que há especificidades em cada uma das subáreas que complementam estas capacidades fundamentais. Ponto importante da formação pós-graduada é a discussão sobre a própria formação de docentes de carreira superior. Pois, efetivamente o êxito da formação do corpo discente dentro de um PPG depende da formação pedagógica e continuada do corpo docente, não apenas como detentor de conhecimentos, mas também através da atenção para com a formação pedagógica de discentes, futurxs docentes e orientadorxs.

#### 4. Tópicos de discussão

As 10 seções do questionário aplicado, permitiriam a análise e reflexão sobre os mais diversos aspectos, tais como saúde física e mental; satisfação pessoal com a atuação profissional; disciplinas específicas que orientam para a atuação profissional; o impacto da pós-graduação na atuação profissional; relação entre profissionais pós-graduados e Educação Básica; produção acadêmica de egressos; relações econômicas x gênero x (in)dependência; pós-graduação e suporte financeiro de agências de fomento; aspectos humanos nas relações entre colegas, corpo discente, corpo docente e gestores; lugar da pesquisa dentro e fora da Universidade. Escolhemos alguns pontos, focando percepções da eficácia da formação recebida perante a atuação profissional e sugestões ao PPG para uma futura revisão curricular.

É importante ressaltar que a experiência profissional das pessoas antes do ingresso no PPGMUS é variada e dissociada da formação proposta pelos cursos ou pelo mercado. Mas, após a pós-graduação, a atuação profissional parece se adequar mais ao trinômio música, educação e pesquisa, ou seja, a pessoa egressa se torna professor/a de música, músico/cista e, mais raramente, pesquisador/a em Música. A pesquisa parece estar menos presente como área de atuação entre egressos do PPGMUS, embora a formação para isso esteja presente durante o curso. Algumas das pessoas apresentam carreiras profissionais significativamente fora do trinômio: uma atua com tradução, outra em um ministério e outra como jornalista, atuações já iniciadas antes do ingresso.

Uma das queixas é a pouca oferta de trabalho/emprego na área (lembrando que são diversas subáreas) em relação ao trabalho artístico, criativo e pedagógico, além de pouca oferta de trabalho como professor de IES. Também há uma queixa de que as vagas para a docência em IES são direcionadas para perfis específicos de ex-alunos da própria IES, o que pode indicar uma cultura de sucessão de cargos em vez da busca por oxigenar as vagas.

Sobre a satisfação com a atividade profissional em geral, há um refrão de satisfação em relação à atuação artística ou pedagógica, mas um descontentamento com algumas questões: remuneração baixa, instabilidade financeira e profissional, “*pois, é difícil de viver de cachês*”, bem como a falta de preparo na área de “empreendedorismo musical” não providenciado pelo PPGMUS. A maioria das pessoas formadas no mestrado atua no âmbito da música ensinando (embora sem maiores especificações sobre local, periodicidade, público alvo, faixa etária ou contexto de ensino) e tocando.

O contentamento é expresso repetidamente na frase “fazer o que gosta”, não ligado a um sucesso financeiro, **mas ao** artístico e profissional ou a uma valorização social da profissão. Porém, **a** frase citada pode manifestar uma sacralização da profissão, podendo ser

usada como uma justificativa para a não mobilização por direitos profissionais. Paulo Freire (2015) chama atenção para construções sociais idealizadas do magistério, que dificultam que professores/as sejam tratadas/os de modo compatível com uma profissão reconhecida e valorizada. O mesmo pode ser dito do músico professor pesquisador.

A atividade em si ou as pessoas com quem se trabalha podem potencializar a satisfação. Um dos interlocutores escreveu: "Trabalho com pessoas especiais, [...], crianças cegas, com baixa visão e com múltipla deficiência, uma área que traz muita satisfação profissional". Esse relato se relaciona com a ideia de uma atividade profissional que tenha relevância social (AMARO e MOROSINI, 2014). A docência, em geral, pode proporcionar mais estabilidade profissional, também podendo ser conciliada com eventuais atividades artísticas e deve ser discutida considerando categorias como desejo, direito, dever e compromisso. Isso significa que a possível estabilidade profissional através da docência exige do profissional uma entrega, talvez nem sempre desejada pelo sujeito.

Várias perguntas abordaram as relações entre formação e atuação, evidenciando questões interessantes: mesmo que a maior parte das pessoas perceba relações entre sua formação e sua atuação, há um número considerável que diz que o mestrado apenas somou maior pontuação na colocação em concursos, assim realçando o objetivo da busca por estabilidade e não uma motivação para o compromisso educacional e social. Ao perguntar se a formação preparou para a atuação profissional de forma *específica*, houve mais divergências. Muitos não conseguem estabelecer relações entre a formação e sua atuação profissional atual, embora as expectativas tivessem sido amplas, sinceras e diversificadas em relação a uma melhor qualificação, remuneração e atuação.

Apesar do mantra da satisfação à primeira vista, as falas recorrentes em relação à falta de estabilidade se complementam com a informação de que 82 das 97 pessoas prestaram concursos em algum momento de sua vida, da esfera municipal à federal, e em diferentes áreas, para professor, músico, técnico, o que relativiza a recorrente expressão de satisfação com o trabalho. Além disso, mais que um terço das pessoas atuou na Educação Básica por algum tempo, mas poucas afirmam continuarem. Isso pode significar que a busca por estabilidade não condiz com a realidade de ensino da Educação Básica que tem como ponto negativo a baixa remuneração, assim afastando as pessoas.

Contrastando ainda com a afirmação da relação entre formação e atuação profissional, só 27 não sentiram falta de temas e abordagens correlatos, enquanto 62 expressaram carências em áreas como empreendedorismo e mídias, entre outros. Uma explicação para este quadro poderia ser que, ao entrarem no PPG, as expectativas e a

identidade do curso pareciam coincidir e só no decorrer do curso surgiram questionamentos, agora colocados como sugestões ao programa, com respostas enfáticas que evidenciam a necessidade de discussão e reflexão. O item foi, com destaque, o no qual as pessoas mais responderam de forma detalhada e pessoal, com sugestões proativas que devem ser desdobrados em discussões mais amplas, pressupondo que atingem também outros PPGs na área de música e de outras áreas.

Há também uma crítica à exigência frequente de possuir uma licenciatura, mesmo já sendo pós-graduado, para atuar como professor no Ensino Superior que traz dois pontos de discussão: 1) a licenciatura propõe formar professores para a Educação Básica, o que torna a sua exigência como pré-requisito em um concurso de nível superior questionável, já que os públicos-alvo são diferentes; 2) a inexistência de algum preparo específico de futuros docentes para atuar de modo didático no Ensino Superior. Ainda que docentes em IES passem por um estágio docente e fases de avaliação no estágio probatório, dificilmente são punidos e cobrados a se engajarem nos poucos projetos de formação continuada dentro e fora das IES.

## **5. Reflexão final**

Diante das colocações dxs interlocutorxs, analisadas na seção anterior, levando em conta a bibliografia que surgiu nos últimos anos, colocam-se algumas questões importantes, em especial, ligadas à equação entre formação e atuação profissional do corpo docente e formação do próprio corpo docente formador: 1) diante de nossa constatação de ter um número maior de pessoas do que imaginado que não atuam em IES, mais que um terço das pessoas formadas pelo PPGMUS, parece insuficiente contar entre as atividades preparatórias para o mundo profissional, oferecidas pelo PPG, apenas com o estágio docente voltado para o ensino superior (por sua vez visto como insuficiente para a formação de futurxs professores/as) 2) diante da abrangência de atuações profissionais que as pessoas egressas desenvolvem, parece importante poder contar com um corpo docente composto por pessoas com experiências vastas e diversificadas, incluindo formações anteriores não “lineares”, além da formação específica em música, pois o PPGMUS formará pessoas para as mais diversas atuações; 3) isso significa também que seria importante permitir que em concursos na área de música, a serem realizados em IES no futuro, não se exija de forma obrigatória uma licenciatura em música, pois outras experiências didáticas e/ou profissionais (até em outras áreas), podem ser tão importantes quanto à licenciatura em música; 4) diante do agravamento da situação política e econômica dos últimos 2 anos no Brasil com suas consequências nefastas para a área da educação em todos os níveis, parece mais do que urgente incluir



reflexões, ações, atividades e até disciplinas voltadas para o campo da atuação profissional pós-formativa nos currículos dos PPGs em música, bem como o incentivo a atividades formativas específicas da docência em nível superior, para que os anseios e as necessidades do corpo discente e docente de fato possam ser melhor atendidas.

### Referências:

CHAUÍ, Marilena. Universidade pública sob nova perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, Set/Out/Nov/Dez, 2003. (Rio de Janeiro) Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a02>. Acesso em 2 de fevereiro de 2018.

FREIRE, Paulo. *Professora, sim; tia, não!* São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução: Flávio Paulo Meurer. (3 ed.). Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

HONORÉ, Bernard. *Para una Teoría de la Formación: dinámica de la Formatividad*. Madrid: Narcea, 1980.

LEON, Rosalía, Trejo. *Educação musical e formação em pesquisa no mestrado: um estudo com egressos de programas de pós-graduação em música no Brasil*. (Tese, PPGMUS, UFRGS), Porto Alegre, 2017.

MOROSINI, Marília Costa. A pós-graduação no Brasil: formação e desafios. *RAES: Revista Argentina de Educación Superior*, ano 01, nº 01, novembro de 2009, p.125 - 152.

RAMOS, Marise. Praxis e pragmatismo. Referências contrapostas dos saberes profissionais. In: BRITO de SÁ, Maria Roseli Gomes e FARTES, Vera Lúcia Bueno (orgs). *Currículo, Formação e Saberes Profissionais: a (re)valorização epistemológica da experiência*. Salvador: EDUFBA 2010, p. 85-105.

SILVA, Inês Amaro da; MOROSINI, Marília. Educação socialmente responsável e gestão da responsabilidade social em universidades latino americanas. In: *ANPAE: Anais*, 2014, Porto, p.1-15.

SANTIAGO, Diana (org.). *25 anos do PPGMUS UFBA*. Reflexões sobre uma trajetória. Salvador, Editora UFBA, 2016.

TOURINHO, Cristina (org.). *Formação profissional em música*. Jundiaí: Paco Editorial. 2018

TRAVASSOS, Elizabeth. Apontamentos sobre estudantes de música e suas experiências formadoras. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 12, 2005, p. 11-19.



## Notas

---

<sup>1</sup> Agradecemos aos doutorandos Antônio Sérgio Brito, Juracy do Amor e Rodrigo Heringer e à secretária do PPGMUS/UFBA, Maísa Santos pelas contribuições nas fases iniciais de levantamento e cruzamento dos dados do corpo discente, especialmente aqueles referentes aos anos iniciais do programa.